

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS  
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS  
MONOGRAFIA EM LITERATURA

JUSSARA SOUZA ALMEIDA

A HISTÓRIA, A LITERATURA, O ENSAIO E AS ARTES DRAMÁTICAS NO  
CONTEXTO ANTILHANO: O “TEATRO NEGRO” DE AIMÉ CÉSAIRE

BRASÍLIA

2014

JUSSARA SOUZA ALMEIDA

A HISTÓRIA, A LITERATURA, O ENSAIO E AS ARTES  
DRAMÁTICAS NO CONTEXTO ANTILHANO: O “TEATRO  
NEGRO” DE AIMÉ CÉSAIRE

Monografia apresentada como requisito  
para obtenção do título de Bacharelado em  
Letras Português na Universidade de  
Brasília. Realizada sob orientação do Prof.  
Dr. Sidney Barbosa.

BRASÍLIA  
2014

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela inspiração, a cada dia, para tessitura desse trabalho.

Agradeço aos meus pais por terem me preparado para a vida, a ser forte, encarando cada dificuldade como degrau para alcançar meus objetivos de vida.

A amiga Sylvânia, companheira de todas as horas, pelos momentos de luta, estudo e aconselhamentos.

Ao Professor Doutor Sidney Barbosa pelo amparo, apoio, acolhimento, disposição incentivo e orientação na área da pesquisa, fatos que me levaram a trabalhar na produção desta monografia e criar um gosto maior pela pesquisa.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. RESUMO BIOGRÁFICO DO AUTOR E RESUMO DA OBRA .....	8
3. A LITERATURA E O TEATRO NEGRO .....	11
4. O PEQUENO HISTÓRICO DO TERMO NEGRITUDE .....	14
5. ANÁLISE DA PEÇA.....	16
5.1. Prólogo .....	16
5.2. Ato I.....	18
5.3. Ato II .....	23
5.4. Ato III.....	26
6. CONCLUSÃO .....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	31

## RESUMO

Esta monografia é o resultado de um estudo elaborado da análise da obra histórica teatral, “*La Tragédie du roi Christophe*”, de Aimé Césaire e em especial o seu teatro, denominado pelos críticos como “teatro negro”. Inicialmente refletimos sobre algumas obras capazes de esclarecer aspectos culturais e históricos do Haiti. Pois, quando se trata de literatura pós-colonial, logo nos vem à memória a imagem de povos oprimidos outrora que tentam se libertar hoje de outro tipo de dominação, a do contexto cultural, linguístico e político no qual foram inseridos forçadamente no passado. No entanto, o objetivo desse trabalho é partir da realização de um levantamento de vida e da obra do autor e, em seguida; fazer um estudo sobre a teoria do teatro negro proposta por ele, para com isso, investigar os aspectos históricos, culturais e literários desse “gênero” que floresceu nas Antilhas francesas, a partir da Martinica, e, finalmente, aplicar esses dados conseguidos na peça teatral em estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro negro. Ensaios sobre negritude. Aimé Césaire. *La Tragédie du roi Christophe*.

## 1. INTRODUÇÃO

O território, em que hoje se denomina Haiti, no início, era um território ocupado por índios, e por volta do ano de 1492, Cristóvão Colombo chegou à ilha pela expedição espanhola e a denominou de “*Antilhas de La Española*”. Segundo Scaramal (2006, p.13) “o ato de nomear seguiram-se a posse, a destruição e a construção de novos significados.” Com a ocupação, os espanhóis exploraram a região e escravizaram os povos que ali vivam. Mais tarde, a colonização foi estendida para toda a ilha, ocorrendo numa primeira etapa à escravização dos indígenas para o trabalho na agricultura e cerâmica.

Em 1520 a colonização foi perdendo força na região, pois nesse momento, boa parte da população havia sido exterminada pelos espanhóis. Na visão de (Scaramal, 2006 p.18), “esse fato teve consequências consideráveis sobre o contingente populacional da parte oriental da colônia”. Depois da decadência espanhola, a França passou a ocupar parte ocidental da ilha, onde atualmente fica o Haiti, e ali os franceses lutaram para explorar o território que no fim, no ano de 1625, acabaram assinando um tratado com os espanhóis (Tratado de Ryswick). Neste tratado foi determinando a passagem do controle do terço ocidental de Hispanhola (Haiti) para a França, denominando a ilha como *Saint Domingue*.

Na ocupação, os franceses exploraram a área para o cultivo de açúcar com a utilização de mão de obra escrava africana. Durante todo o Século XVIII os franceses incrementaram a formação da lavoura açucareira na região, importando escravos africanos em grande quantidade. “Dessa forma, Saint Domingue tornara-se, à época da Revolução Francesa, a mais rica colônia das Índias Ocidentais.” (Scaramal, 2006 p.19)

A escravidão em alta escala, trazida pelos franceses, foi responsável pelo sucesso nas lavouras. O conquistador buscava ser proprietário de terras e, em seguida, explorava o enorme contingente de escravizados africanos trazidos forçados para com o seu trabalho enriquecerem e construir o império para o colonizador.

A massificação de escravos naquela região era extremamente absurda, a França começou a buscar tanto a mão de obra escrava que a quantidade de africanos oprimidos tornou-se mais do que o dobro de toda população que ela dominava. Segundo (Scaramal, 2006 p.19) “a partir do século XVIII, houve um crescente aumento na demanda por açúcar na Europa e, por conseguinte, por escravos nas colônias”. Dentro desse contexto, Scaramal, 2006 ainda afirma que o aumento de escravos nesse período

foi vertiginoso. Esse fato aconteceu por volta do ano de 1789, época em eclodiam os ideais da Revolução Francesa.

Diante desse fato histórico e precursor no mundo, os escravos daquela região começaram a se rebelar quanto aos maus tratos da escravidão e clamavam pelos ideais revolucionários da época, principalmente o da liberdade Scaramal, 2006 confirma que esse evento contribuiu para alterar as discursões e opiniões sobre a questão da escravidão. Nesse momento, a rebelião se espalhava e os escravos começam a fugir em massa e massacrar seus senhores conseguindo a liberdade aos poucos.

Em 1794, a França declara a abolição da escravidão nas colônias, Jean-Jacques Dessalines, antigo escravo, deu continuidade ao movimento de resistência, o resultado foi positivo, pois o país obteve a ruptura com a colônia francesa no dia 1º de janeiro de 1804 e passou a se chamar Haiti, sendo a primeira República Negra das Américas e o primeiro país latino-americano a se declarar independente.

“Declarada à independência pelo Haiti e pela Republica Dominicana, parecia que abriam novas perspectivas para a região. Porém, a simples declaração de autonomia política não implicava em mudanças socioeconômicas efetivas suficientes profundas para que se evidenciasse uma futura reestruturação social na qual as maiores beneficiadas fossem as populações insulares há tanto tempo submetidas à escravidão e à exploração.” (AZEVEDO e HERBOLD, 1986 p.31)

Depois da independência o estado tornou-se proprietário da maioria dos meios de produção. Boa parte das terras foi distribuída para militares de alto escalão, destas partes ficaram com para os setores negros e partes para os setores mulatos.

Partindo do contexto histórico antilhano, em especial ao fato relacionado a história após a independência do Haiti, será utilizada como objeto de estudo a obra teatral “*La Tragédie du roi Christophe*”, de Aime Césaire, a qual inspirou o conceito de "teatro negro". A obra retrata a história do povo haitiano na luta da independência do país, com a criação de personagens paralelos a atores da história do Haiti e registra muito a vivência de opressão observada na vida e no contexto cultural em que o autor esteve inserido.

O trabalho terá como objetivo geral analisar a proposta do teatro de Césaire, “teatro negro” sua repercussão nas artes, para assim averiguar como o autor demonstra os aspectos culturais e históricos e culturais das Antilhas. Investigar o pensamento teórico do autor sobre a negritude e sobre o colonialismo em geral. Por fim será identificado na peça como o autor acasalava sua as ideias ideológicas com a construção da obra.

Para alcance dos objetivos, inicialmente, será analisada a vida do autor, verificará quais os contextos políticos Césaire estava envolvido para criação da peça. A investigação bibliográfica do autor será seguida de um resumo da obra teatral em estudo. Todo esse aparato de informações se fará necessário para analisar o teor de engajamento que autor debruça da construção do enredo.

Em um segundo momento, será abordado à relação entre a literatura e o engajamento do teatro negro, proposto por Césaire. Sabe-se que o teatro foi à maneira que o autor encontrou para expressar suas concepções, diante da luta de um povo e sobre aquilo que ele queria denunciar. Por meio das técnicas teatrais, o escritor pode relembrar o sofrimento e a opressão vivida pela discriminação originada no período colonial.

Em consequência, mais tarde, Aimé Césaire precisou iniciar a luta em favor de defender o orgulho de ser negro, diante da questão racial, por essa razão será definido, o termo “negritude”, de criação do autor que serviu como base em defesa de defesa da identidade de um povo no qual, segundo o autor, estava se perdendo em meio os conflitos sociais e políticos.

Por fim, será feita uma análise da peça a fim de verificar como a representação ideológica do autor teve relação com as questões levantadas neste estudo e a prática da escritura da peça. Servir-se-á, também para esse fim, o apoio de todo amparado teórico bibliográfico investigado nesse trabalho, sobre os estudos temáticos para construção desta monografia.

## **2. RESUMO BIOGRÁFICO DO AUTOR E RESUMO DA OBRA**

O poeta Aime Fernand David Césaire nasceu em Basse-Pointe, uma região francesa situada no norte da ilha da Martinica, em 1913. Na infância, Césaire, destacou por ter sido um bom estudante, tanto que mais tarde, conseguiu uma bolsa de estudos para estudar em Paris. Em Paris, em 1934, Aimé Césaire conheceu o poeta senegalês Léopold Senghor, juntos, com mais alguns estudantes fundam o jornal *L'Étudiant noir* (O Estudante Negro). Neste jornal eles apresentam, pela primeira vez, o conceito de “*negritude*” que, com o decorrer dos tempos esse conceito foi formulando, na França, uma crítica à opressão cultural do sistema colonial francês. Senghor e Leon Gontran Damas, da Guiana Francesa, contribuíram com Césaire na expansão do movimento e

formulação do conceito “Negritude”. Segundo Bernd, (1988), esse conceito foi definido por eles como a “afirmação de ser negro e o orgulho disso”

No término dos estudos, em 1937, Césaire casa e em 1939 retorna à Martinica para lecionar como afirma Combe, 2010, que a maioria dos “*écrivains francophones, sont ou ont été professeurs, d’Aimé Césaire à Léopold Sédar Senghor*”. Então, ele trabalha como professor na área de Letras. Durante a Segunda Guerra, o criador do movimento surrealista, passa pela Martinica, “*Breton lit Césaire*” diz Combe, 2010, e se encanta com a poesia dele. A partir de então, o poeta se une também ao surrealismo, corrente artística, que tinha o objetivo de entender a arte por meio das experiências humanas, com isso, promove uma reflexão sobre as estruturas sociais da época. Unido a esse movimento, Césaire, viaja ao Haiti, e sua estada por lá começa a marcar os escritos de sua obra, pois se inspira, segundo Azevedo e Herbold (1986, 34), no “único país que conquistou a sua independência por meio de uma revolução feita por escravos negros”.

Césaire foi escritor, poeta, dramaturgo, político além de destacar nos movimentos revolucionários em combate as repressões contra as diversas formas de colonização. No entanto, expressava esse conceito dentro de suas obras, no qual podia usar de sua liberdade autoral e poética para lutar e defender as origens de suas raízes africanas, ou seja, no campo ideológico construir a consciência de ser negro, recuperando e reescrevendo textos dos ex-colonizadores.

Com esses ideais o autor publicou mais de catorze obras, poesias, peças de teatro e ensaios. Por exemplo, podemos citar o pensamento de Aimé Césaire sobre a restauração da identidade dos negros foi exposto pela primeira vez no livro *Cahier d’un retour au pays natal* (Caderno do retorno ao país natal), de 1947. O livro é um misto de poesia prosa poética. Mais tarde, em 1955, escreveu o *Discours sur le colonialisme* (Discurso sobre o colonialismo), atacando a civilização europeia e o racismo colonial. No texto, Césaire compara a relação entre os colonizadores e os colonizados com a relação entre os nazistas e suas vítimas.

O teatro foi uma expressão artística marcante para ele alcançar seus objetivos de ideais libertários. Nesse contexto, será apresentada, em destaque, como estudo desse artigo a obra teatral *La Tragédie du roi Christophe* (A tragédia do rei Christophe), escrita em 1963, a qual inspirou o conceito de "teatro negro".

A peça retrata a história do povo haitiano na luta da independência do país, com a criação de personagens paralelos a atores da história do Haiti e registra muito a vivência de opressão observada na vida e no contexto cultural em que o autor esteve

inserido. Segundo a proposta teórica de Césaire, era necessário o povo criar uma consciência da opressão vivida e saber lutar com a dignidade e ter o orgulho de ser negro. O poeta buscava mostrar em sua obra a essência do africanismo, como também coloca em evidência a triste realidade deixada pelos longos anos de colonização aos quais estiveram submetidos os países que formam as Antilhas.

A obra teatral *La Tragédie du roi Christophe* (A tragédia do rei Christophe) é dividida em três atos, cada ato precedido por um prólogo, contendo entre um ato e outro, um intermédio; o primeiro intermédio, que comporta duas partes, ocorre entre I e o II atos; o segundo e o último intermédio, entre os atos II e III, apresenta uma única cena.

A peça é rodeada de figuras históricas, por isso, segue a apresentação de alguns protagonistas, dentre eles temos os personagens principais: Christophe (rei do Haiti) e Pétion (presidente da República), e alguns personagens secundários como: Vastey (secretário de Christophe), Boyer (general das armas de Pétion), Prézeau (confidente e braço direito de Christophe), alguns representantes políticos, presidentes do conselho de estado, deputados, etc. Segundo Almeida (1978), dois personagens são criação de Césaire: Metellus (chefe dos revoltados) e Hugonin (bufão).

O enredo teatral descreve a luta do povo haitiano pela liberdade e o combate de um homem político que queria desvelar a grandiosidade de seu país. “A maioria dos episódios da peça corresponde a fatos reais e suas principais personagens são vultos históricos do Haiti [...]” (Almeida, 1978 p.60). No prólogo há um cenário, uma arena de briga de galos em combate, faz-se a apresentação dos personagens principais, Christophe e Pétion, ambos envolvidos na briga. No fim, vence Christophe.

A história começa depois da luta de independência do Haiti, após a esse fato histórico o reino de Jean Jacques Dessalines termina e Henri Christophe é nomeado Presidente da República pelo Senado. No primeiro instante ele recusa o título de presidente e declara um reino ao norte do país. Após a independência a população haitiana torna-se amedrontada de haver um novo domínio francês, mas Vastey (secretário de Christophe) anuncia aos cidadãos, que não havia o que temer porque Christophe agiria em favor do povo atemorizado. Há um cerimonial no Palácio para oficializar a posse de do novo rei e nesse momento Christophe, faz um discurso prometendo para o povo um reinado novo em que todos seriam libertos dos seus nomes de escravidão e os negros teriam um novo futuro. Terminado o discurso o Arcebispo

Cornelius Brelle e o Presidente do Conselho de Estado o empossar oficializando o tratado no cerimonial.

Tempos depois, acontece a Guerra Civil no Haiti na cidade de Port-au-Prince, fica sob domínio. Então, Christophe discute discordando dos seus generais e decide abandonar a guerra. Com essa atitude, Christophe pretendia renunciar o cerco da cidade e a vitória em favor da reunificação. O Senado se recusa a proposta de paz e Christophe lamenta a decadência haitiana. Na festa de coroação, o Rei também decide construir: a Cidadela forte e imponente. Assim termina o primeiro ato.

No segundo ato, a narração começa a relatar o lento declínio do rei e a insatisfação do povo. Na primeira cena dois camponeses conversavam sobre a situação política do país. Quando chega um mensageiro do rei anunciando uma ordem real de mobilização geral para o trabalho em rumo do projeto do reino. As condições trabalhistas tornavam-se cada vez mais pesadas e cruéis e começaram a ser motivo de discordância e revolta para o povo, pois eles temiam a volta da tirania. Depois, as ordens de trabalho só aumentavam, eram camponeses tendo que trabalhar duramente com punição, caso faltasse, decide designar mulheres e crianças para o trabalho, de acordo com suas respectivas forças para avançar o trabalho da construção. Christophe passa dos limites nas suas atitudes e decisões por conta de seus ideais e esquece o que havia prometido ao povo. Os trabalhadores queixavam-se das condições adversas de trabalho, chuva e trovão.

Por fim, a pedido do rei, houve a festa da Assunção na Igreja de *Limonade*, e durante a cerimônia Christophe passa mal. Mais tarde, o médico declara que o rei está doente por uma doença misteriosa que o deixa paralisado. O tempo passa e Christophe encontra-se velho, doente e triste quando percebe o fracasso do seu reinado. Em seguida, ouve-se o som distante de um tambor *mandoukouman*, usado para anunciar o fim do reinado de um rei. Atormentado pela situação, o Rei pega um revólver e suicidar-se. A morte do rei foi anunciada, e no alto da Cidadela, houve uma cerimonia fúnebre de despedida e o Rei Christophe foi enterrado em pé na muralha com seu corpo virado para o sul.

### **3. A LITERATURA E O TEATRO NEGRO**

As representações são formas de artes que o homem vem criando ao longo dos séculos numa tentativa de atribuir significados na experiência vivida, pois segundo

Compagnon (2001), escrever alguma obra literária é trabalhar com a linguagem necessária para transmitir algo desejado. Nesse sentido, Samuel, (2010) afirma que os. “Gêneros Literários são uma das várias formas de trabalhar a linguagem”, ou seja, uma maneira de registrar a história, e assim, fazer com que a linguagem seja um instrumento de conexão entre as variedades de contextos literários que estão dispersos no mundo literal.

O teatro é um gênero literário, normalmente dialogado, pensado para ser representado. Na visão de Samuel (2010, p.38) “um gênero desdobra-se numa função convencional da linguagem, numa relação com o mundo que serve como norma ou expectativa para guiar o leitor no seu encontro com o texto”. Nesse sentido, faz necessário ressaltar que no teatro o processo de comunicação repousaria sobre uma relação entre discurso e receptor, ou seja, texto e leitor, que interfere nesse percurso não só o que o texto diz, mas todos os dados que informam e o que o receptor entende e, esses dados garantem uma boa comunicação da mensagem.

O gênero, na modalidade dramática, teve início na Grécia Antiga, conforme Williams (2002, p. 35) o drama “era para os gregos uma percepção geral à imitação consciente”. As obras que fazem referência este gênero são especialmente as que são preparadas para serem apresentadas em montagens teatrais tanto no sentido físico como no gestual. Assim, Raymond Williams afirma em seu livro, *Tragédia moderna*, que os:

“textos teatrais nem sequer fazem sentido se sua leitura não assumir o pressuposto óbvio de que foram escritos para encenação em condições físicas, culturais e políticas determinadas; só em seu contexto é possível atinar com a sua linguagem, tanto no sentido físico (emissão vocal, ênfases, e demais tópicos dos quais se ocupa a retórica) quanto no sentido gestual (o plano das relações entre os personagens e entre estas e sua circunstância).” (WILLIAMS, 2002, p.9)

O teatro foi uma expressão artística marcante para que Césaire alcançasse seus objetivos libertários, diante daquilo que ele queria denunciar na sua obra. Aproveitando das técnicas teatrais, o poeta quis lembrar o sofrimento e a opressão de seu povo e ao mesmo tempo lutar pela consciência de encorajamento diante da discriminação e da situação pós-colonial, relacionando os personagens e as circunstâncias na qual estavam inseridas.

Nesse sentido, pode-se notar que o teatro é uma arte que gera expressão e representação daquilo que o autor pretende mostrar, ou seja, “le théâtre contribue aussi

au contrôle et à l'intégration des sentiments et des croyances" (Traore, 1970 p.56). A partir dessa percepção, o teatro passou por uma grande trajetória histórica e foi sendo revelado também com outros tipos de abordagens contribuindo assim na divulgação literária, por exemplo, o teatro negro-africano. O termo "teatro negro" implica do surgimento de um teatro voltado a revelar a problemática do povo negro. Como nos é revelado no livro, *Ates du colloque sur le théâtre négro-africain* que:

*"le théâtre négro-africain moderne est né pendant la colonisation et il est tout naturel qu'il em porte les stigmates. Comme tout ela littérature de la négritude, il s'est révélé dans le double cri de la souffrance et revolte et s'est engagé dans la lutte pour la liberté" (KESTELOOT,, 1970 p. 51).*

Essa forma de representação literária no que se revela a favor da personalidade negra e de denúncia contrária à dominação cultural e da opressão colonialista marcou a fundação da ideologia da negritude no cenário na qual a discriminação foi bem retratada pelos dramaturgos de origem africana. Como afirma Dailly (1970), *"l'histoire précoloniale ou coloniale semble être l'inspiratrice de préférence des dramaturges africains"*. Contudo, as conquistas para esse tipo de palco nem sempre foram simples assim, pois o teatro negro ganhou espaço após momentos idealismo por parte dos autores.

A denominação "teatro negro" pode tanto ser aplicada a um teatro que tenha a presença de atores negros, quanto aquele caracterizado pela participação de um diretor negro, ou, ainda, de uma produção negra. Nem sempre o negro teve presente nos espetáculos teatrais, durante o período colonial foi excluído dos palcos, somente a partir da metade do século XIX, quando os atores foram substituídos por autores brancos pintados de negros. Assim, foi preciso mais do que uma conscientização, pois Munanga pontua:

[...] que para alcançar tal patamar exigiria que se iniciasse por um espaço maior de ressignificação e compreensão de termos tais como negro, preto, africano, negritude, que por muito tempo foram usados negativamente, divulgando na maioria das vezes, uma imagem inferiorizada desse grupo populacional, a partir das ficções derivadas da ideologia europeia. (MUNANGA, 1988, p.53)

Diante dessa ideologia, o meio de representação teatral, também foi o canal de repercussão para divulgar a mensagem que Césaire (1971, p.34) defendia: "sei que devo ter orgulho do meu sangue.". Com esse intuito, que foi criado o termo negritude, com a

intenção de construir uma consciência racial sem vínculo com a luta dos demais grupos oprimidos, ou seja, com a consciência e o orgulho de ser negro.

#### **4. O PEQUENO HISTÓRICO DO TERMO NEGRITUDE**

Para entender melhor como Aimé Césaire iniciou sua luta em favor de defender o seu orgulho, diante da questão racial, em uma época de dura repressão e discriminação precisamos entender como surgiu o termo negritude. Segundo o que alega Bernd, (1988) o termo em si, provavelmente, surgiu nos Estados Unidos, passou pelas Antilhas; em seguida atingiu a Europa, chegando à França aonde adquiriu corpo e foi sistematizado.

Nesse contexto, por volta de 1920 surgiu nos Estados Unidos, um movimento literário e artístico denominado New Negro (ou "Negro Renaissance"), cuja proposta cultural era dissipar os estereótipos e preconceitos disseminados contra o negro no imaginário social, de acordo com Bernd (1988, p.26) esse foi “o período do Renascimento Negro do Harlem que começa a difundir ideias como preocupação com a identidade do negro e recusa do colonialismo”.

Já em Paris, Bernd,(1988,) afirma que: “um grupo de estudantes negros oriundos dos países colonizados (Antilhas e África) começou um processo de mobilização cultural.” No momento em que os estudantes começaram a frequentar as universidades europeias, os alunos deram-se conta de que a civilização ocidental não era um modelo universal e absoluto tal como era ensinado na colônia. Nesse contexto, houve um despertar da consciência racial, ou seja, a percepção “explodiu como um barril de pólvora” (p.28) e, por conseguinte, nasceu naquele povo a vontade de lutar a favor do resgate da identidade cultural do povo negro.

Em 1934, os estudantes negros em Paris lançam a revista *L'étudiant Noir* (o Estudante Negro). Essa publicação divulgava, como instrumentos ideológicos de libertação, o comunismo, o surrealismo e a volta às raízes africanas. A revista teve uma fundamental importância na difusão do movimento que procurava transmitir uma imagem positiva da civilização africana. Os principais diretores das ideias divulgadas na revista, segundo Bernd (1988, p.35) foram: “Aimé Césaire (Martinica) - que foi o criador da palavra negritude - Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal).” Essa equipe lutou em favor de conservar a personalidade negra e de denunciar o meio de dominação cultural, com isso, marcou a fundação da ideologia da negritude.

Segundo Scaramal, (2006), na concepção de Aimé Césaire, negritude é simplesmente o ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade, história e cultura específica. Scaramal (2006, p. 68) ainda certifica que é difícil teorizar a palavra negritude, mas sabe-se que: “o termo tinha um propósito revolucionário”. Assim, numa tentativa de entender de onde surgiu essa terminologia, Bernd nos apresenta um conceito dizendo que:

[...] a palavra *négritude*, em francês, deriva de *nègre*, termo que no início do século XX teve um caráter pejorativo, normalmente usado para desqualificar ou ofender o negro, em contradição a *noir*, outra palavra usada para designar negro, mas que tinha um sentido mais respeitoso. (BERND, 1988, p.23)

Em concessão, o *Novo Dicionário Aurélio*, nos define negritude como:

- 1) estado ou condição das pessoas da raça negra;
- 2) ideologia característica da fase de conscientização pelos povos negros africanos da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura ocidental.

Desse modo, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, define negritude como sinônimo de:

- 1) qualidade ou condição de negro;
- 2) sentimento de orgulho racial e conscientização do valor e riqueza cultural dos negros.

Por fim, Bernd na sua obra *O que é negritude* (1986) sustenta que este conceito é concebido como uma tomada de consciência de uma situação de dominação e discriminação e a conseqüente reação pela busca de identidade negra. Conforme os conceitos apresentados nota-se, que as perspectivas sobre o termo negritude, ganha relevância tanto como definição quanto como forma de ação. Para Bernd refletir sobre os caminhos da “Negritude” é importante, pois:

[...] enquanto [...] permanecer no nível dos signos, isto é, se resumir a combater os signos do poder branco, não haverá um real enfrentamento do problema. É necessário chegar à estrutura profunda: lá onde os estereótipos se constroem como causa e conseqüência de preconceitos. (BERND, 1987, p.33)

Assim, a partir do momento em que houver a aceitação e valorização do "ser negro", como dos objetos representativos dessa origem, a identificação com a ancestralidade, e a luta pela afirmação torna a luta mais consciente. Por essa ideologia foi que Césaire tenta em “*chaque pièce recrée la tragédie de l’esclave rebelle sous les visages successifs du roi Christophe [...]*” (Kesteloot, 1970. p 51)

## 5. ANÁLISE DA PEÇA

Nessa análise serão observadas algumas partes importantes, que na peça, o autor deixa expressar sua opinião sobre as marcas deixadas pelo colonialismo. Partindo do ponto de vista de Césaire, como afirma Cabrera e Almeida (2004), alguns brancos se incomodavam ao perceber que mulatos ou libertos gozavam dos mesmos direitos políticos. Por essa razão, nessa análise pretende evidenciar algumas marcas deixadas pelo ideal do autor, que escreveu a obra em favor de denunciar os males causados pela colonização e despertar no povo dominado a vontade de resgatar os seus próprios princípios. Um ponto marcante na peça é a presença de figuras e fatos reais, mas que representam na obra o conhecimento universal da população do Haiti, principalmente algo que marca a influencia em seu Teatro Negro.

### 5.1. Prólogo

A história, no prólogo, inicia em uma arena em que há uma briga de galos “*lieu où se déroulent les combats de coqs*”. (p.6).<sup>1</sup> O cenário é caracterizado por um cercado de piquetes que marcam a arena, “*un rond de piquets délimitant une arène [...]*” (p.11). e envolta da arena havia uma multidão que assistia a briga, [...] *foule noire [...]*, com “*vêtements bleus de paysans*” Analisando esse trecho pode-se evidenciar que Césaire teve a intenção de retratar a população Hitiana, o cenário político e jogos de interesses envolvidos. Por exemplo, entre a disputa de poder, a relação da camada popular entre um ou outro lutador a multidão fica meio indecisa, dividida a quem escolher, qual partido torcer, Piéton ou Christophe, essa indecisão na peça pode ser mostrada por meio dos gritos de incentivo, porém bem divididos. Como podemos observar nesse trecho:

*“Une voix passionnée:  
Allez, Christophe! Allez, Christophe!”*

*“Deuxième voix non moins passionnée:  
Pétion, tiens bon! Tiens bon Pétion!”(p.11)*

---

1. Segundo Cabreira e Almeida, (2004) no início do século XX, era comum a população a assistir as rinhas de galo, esse tipo de diversão já foi o esporte mais popular no Haiti.<sup>1</sup>

Os galos eram simbolizados pelos personagens principais da trama: Christophe e Pétion. Com isso, as duas aves da arena são acessórios importantes de representação desses líderes políticos do Haiti, logo após o período colonial. Por conseguinte, nota-se que a criação cênica elaborada a partir da briga, a cena seguir apresenta ironicamente a história do país após o processo de independência:

*“Après ce combat emplumé, reprenons notre souffle et disons les choses clairement. Oui, depuis quelque temps, c’est la mode en ce pays-ci [...] Christophe par-ci, Pétion par-là [...]”* (p.14)

A luta entre as partes é o objeto principal que girará toda ação da peça, ou seja, é onde desenrola o ponto ápice da história na obra que compreende tanto a dramaturgia escrita como os discursos de representação. Então, conseqüentemente, os eventos políticos se passam após a morte de Dessalines, um líder da Revolução haitiana, que proclamou a independência daquele país, portanto, a maioria dos episódios e das cenas foram baseadas nos fatos reais históricos, que Césaire expos de forma cômica e trágica com cenas bem descontraídas. Para Césaire (1970), *“l’essentiel est de comprendre la situation et les noms. Qui c’est Christophe? Qui c’est Pétion? Tout nom rôle consiste à vous le dire [...]”* (p.14)

Desse modo, os personagens principais, Christophe e Pétion, retratam líderes políticos importantes da história da independência do Haiti. Christophe, eleito presidente, foi um negro, que rompeu com o senado, já Pétion, foi um mulato haitiano que participou da revolta preta contra os colonizadores, daí, segundo historiadores, depois dessa revolta o Haiti se dividiu em dois estados. No conceito de Cabrera e Almeida (2004, p.48), “tal divisão tem por objetivo separar o “Haiti autêntico” de um “Haiti afrancesado” e, conseqüentemente, o povo negro do povo mulato.”. Assim, Césaire (1970) também destaca que a divisão levou cada partido para um lado, como podemos ver nesse excerto: *Christophe, le très craint et très respecté commandant de la province du Nord [...] et la République dans le sud, avec Pétion pour président [...]*. (p.15-16).

O senado não reconheceu Christophe, imediatamente, como presidente, então, o senado elegeu a Pétion. Com a eleição de Pétion, Christophe controlou o norte que era o feudo tradicional das facções dos negros radicais, enquanto Pétion ficou no sul, onde os mulatos tinham sua base. Contudo, Cabrera e Almeida (2004, p. 247) retomam que esse

controle político: “trata de uma divisão entre os grupos de cor, baseada na crença em uma marca herdada pela ancestralidade. A manifestação destas marcas deverá, por conseguinte, demarcar o lugar de cada indivíduo [...]”. A partir dessa percepção, Césaire (1978, 39) ainda afirma que: “brancos, mulatos e negros são grupos que figuram na relação da sociedade colonial, elementos autônomos, cuja única organização comum era a regulamentação imposta pela França.”

Assim, a problemática figurada no papel de disputa entre as partes, não era apenas uma disputa política, havia também uma disputa ideológica e de identidade acerca da questão racial, um combate entre negros e mulatos, categorias da sociedade que até hoje são menosprezadas. Sob essa perspectiva, Cabrera e Almeida destacam que:

[...] os termos negro e mulato são categorias excludentes, utilizadas para marcar lugares sociais distintos e não propriamente, utilizados para marcar lugares sociais distintos e não propriamente uma identidade de cor [...]. No entanto, Césaire não estabelece distinção entre as categorias: mulato e liberto. O autor define o grupo dos mulatos a partir do seu lugar social ocupado na estrutura da sociedade colonial haitiana. (CABRERA e ALMEIDA 2004, p.245)

Nesse sentido é que a obra teatral vem acompanhada de problemas engendrados pelo sistema colonial e em sua escrita, Césaire não deixa os fatos passados ficarem no esquecimento, pois segundo o autor, o que dar sentido de lutar pelo seu ideal é quando se lembra da opressão sofrida. Pois, a obra apresenta todo manifesto principal no prólogo deixando o leitor a par da situação para onde desenrola a ação, como o autor exaltou nessa parte da peça: “[...] *le rideau se leve sur la tragédie du roi Christophe*.”.(p.16). Então, conclui-se desse primeiro momento, que a inserção da importância histórica e as figura representadas na obra são elementos essenciais para que o público possa entender a situação temporal da narrativa.

## 5.2. Ato I

Cada ato da trama apresenta partes cômicas como também, partes trágicas, ou seja, uma mistura de efeitos cênicos que conta uma história. De acordo com Almeida (1978, p.57), “as cenas cômicas em todos os atos da tragédia do Rei negro, sem exceção, [...] nos levará a colocar o problema das relações do universo cômico com o trágico”. Tais considerações marcam o contexto de toda a peça delimitando a extensão das falas, assim, revela explicitamente o que o autor quer dizer com o seu texto.

Do mesmo modo, destacamos como análise de destaque a cena I do primeiro ato que inicia com a marcação dos personagens principais, Christophe e Pétion, o aspecto dinâmico na marcação e cria uma tensão usando a ironia para anunciar a tragédia posterior. Césaire (1970, p.18) ressalta que “*tout ce premier acte est en style bouffon et parodique, où le sérieux et le tragique se font brusquement jour par déchirures d’éclair.*”

Nesta cena nos é mostrado um confronto entre o rei Christophe e o Senado, representado por Pétion. Christophe faz uma crítica ao senado para atribuir-lhe um poder, pois este quer fundar um Estado. O Senado justifica as alterações feitas na Constituição, invocando eventos passados, incluindo o governo tirânico estabelecido por Dessalines após a revolução, como nos retrata o texto a seguir:

*Quant aux modification que le Sénat a cru devoir apporter à la constitution, je ne nierai pas qu’elles diminuent les pouvoirs du président, mais il ne vous échappera pas non plus que pour un peuple qui vient de subir Dessalines, le danger le plus redoutable s’appelle d’un nom: la tyrannie. (p.20)*

Na visão de Scaramal (2006, p.116) “a negativa dominicana em aceitar o elemento negro em sua formação levou a República Dominicana a uma exceção [...] sua presença significava sempre uma ameaça”. Pois, essa luta ideológica vinha da tradição do país em ter no domínio uma pequena parte da elite mestiça que sempre tinha sido detentora do poder político, e utilizou o poder ao longo do tempo para tornar-se dominante economicamente. A massa da população, negra, viveu quase ininterruptamente numa miséria extrema e sujeita à constante repressão.

Mais uma vez, observa-se que no desenrolar da história, Césaire nos deixa a evidência de que, partindo do ponto de vista dos legisladores coloniais, a inferioridade do negro deixava marcas de insegurança em relação à política da época. E isso, ainda afirma Césaire, em protesto, no seu livro *Discurso sobre o colonialismo*, que “a colonização é a cabeça de ponte da barbárie”.

Na segunda cena desse primeiro ato nos é apresentada certa esperança da parte do povo, “*groupe de citoyens,*” amedrontados e inseguros de que o rei fosse à solução ideal para aquela nação. “*A Christophe, de nous protéger, nous, nos biens, notre liberté.*”p.26. Césaire mobiliza aqui, não só a esperança que o povo tinha em criar uma sociedade nova, mas também da sua própria esperança, como autor e parte do povo

negro, de ver o “despertar da África” Césaire (1978, p.11). Mais adiante, durante a narrativa, a figura do rei é exaltada. Vejamos:

*“le monde entier nous regarde, citoyens, et les peuples pensent que les hommes noirs manquent de dignité[... ] a ce moment, Christophe apparaît, à cheval, parmi un brillant état-major”* p.28

Infere-se dessa citação que autor procura aí despertar no povo a vontade de apropriação da dignidade, ou seja, assemelhar na figura do rei negro também uma identificação de encorajamento, uma vez que aquela população estava inserida em contexto histórico lamentável, que com o tempo, desmotivou o povo negro de se orgulhar de sua identidade. Segundo Gomes e Dayrell:

A identidade negra é entendida como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no conflito e no diálogo. (GOMES e DAYRELL 2002, p.22)

Esse tipo de encorajamento, por parte do autor, funciona como um prenúncio daquilo que Césaire, que é um escritor da “negritude”, colabora para resgatar e reconstruir: a dignidade que outrora foi roubada desses povos.

Nas cenas o autor tenta, na verdade, usa o teatro como forma de instrumento para retratar a política e explicita como se deu a mudança do destino da história de um país influenciado pela colonização. Uma das mudanças oficiais foi quando na cena quatro o Arcebispo Cornelius Brelle e Presidente do Conselho de Estado empossar Henri Christophe. Como mostra o trecho a seguir tirado da obra:

*“[...] par la grâce de Dieu et de la loi constitutionnelle de l’État, nous vous proclamons Henry [...] souverain des îles de la Tortue, Gonave et autres îles adjacentes. Destructeur de la tyrannie [...]. de la nation haïtienne.”* (p.39)

Com a coroação o rei, em seguida, faz uma promessa ao povo de que eles não sofreriam mais com os maus tratos da escravidão:

*“Je jure de maintenir l’intégrité du territoire et l’indépendance du royaume: de ne jamais souffrir sous aucun prétexte le retour de l’esclavage ni d’aucune mesure contraire à la liberté et à l’exercice des droits civils et politiques du peuple d’Haïti.”*(p.40)

Essa promessa do rei foi crucial para obter a confiança da população haitiana que vivia temerosa a ter que voltar a alguma situação de escravidão semelhante a qual o

país já havia vivido. O momento da escravidão foi tão dominante e aterrorizante que, de acordo Scaramal, 2006, a metrópole chegava a decidir inclusive sobre os destinos pessoais dos colonos.

Cenas mais tarde, a população do Haiti começa a sofrer com a Guerra Civil haitiana, a cidade de *Port-au-Prince* ficou sob cerco, e em campo de batalha, Christophe pede a reunificação, mas isso lhe foi negado por Pétion:

*“En effet, Christophe nous propose la réunification de l’île. Il va sans dire que cerait sous son autorité[...].”* (p.48)

No entanto, Christophe lamenta a decadência haitiana com o seguinte discurso: *“Pauvre Afrique! Je veux dire pauvre Haïti! C’est la même chose d’ailleurs. Là-bas la tribu, les langues, les fleuves, les castes, la forêt, village contre village [...].”* (p.49)

Nesse trecho Césaire deixa evidente que o rei estigmatiza o povo haitiano para resgatar-lhe a identidade. No entanto, o autor buscou na África os motivos, de acordo com os quais são fatos suficientes, para que o povo haitiano devia sentir orgulho. De acordo com Cabrera e Almeida (2004, p.256), a ideia de uma continuidade entre africanos e haitianos deve ser entendida como motivo de orgulho [...], paternidade simbólica do povo haitiano.

Ainda nesse sentido, Cabrera e Almeida (2004 p.257) diz que:

“à medida que a comparação se estende, a haitianidade passa a encontrar sua força na negritude. Assim, o leitor é conduzido à compreensão não da alma haitiana em si, mas da alma negra, que é por excelência, nobre. Do particular ao geral, o povo haitiano é descrito como aquele que, antes de tudo e, principalmente, de sua cultura, possui a semente de negritude, da *noblesse*. Ou seja, a negritude é percebida como anterioridade da cultura. Portanto, por esta linha de raciocínio, a história e a dinâmica da vida social haitiana devem ser compreendidas, a partir dos exemplos dos povos africanos.”

Diante dessa afirmativa, nota-se que a perda da identidade negra foi sendo desconstruída como forma de opressão. Nesse contexto, Hall, (2002, p.7), vai mais além, dizendo que:

Decorre dessa concepção de identidade como mutável, transitória, contraditória e como resultante das relações sociais entre os sujeitos a afirmação de que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, rupturas e

processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma coragem estável.

Na obra, Césaire deixa transparecer essa crise de percepção da identidade na figura do personagem Christophe, principalmente no fim do primeiro ato, na cena de aniversário de coroação do rei. Na festa estão todos seus cortesãos e sua família, era a primeira festa do reino, tudo em alto estilo. Vejamos:

*“(...) La soucoupe, les verres et la carafe se As Magesté, le grand écuyer tranchant, la grande cuiller et le grand couteau de Sa Magesté, tout le monde vêtu d’habits et de manteaux de velours noirs doublés d’or ... J’ajoute qu’une tribune est dressée pour la reine [...]”p. 52*

A memória do protagonista parecia ter esquecido de firmar em seus ideais, tanto que na visão de Almeida (1978 p.70), “Christophe, em sua imitação de uma corte branca, não é mais maleável, que chega a ignorar suas qualidades de improvisação e de criação diante de novas situações, e começa a perder-se: aí reside profundamente o seu erro”. O erro do rei já causava danos visíveis que até a esposa de Christophe tenta adverti-lo, nesta cena a voz da personagem pode ser representada pela voz da consciência do rei, pois ela ousa a questionar as atitudes do marido e recomenda cautela contra os abusos de acontecimentos que havia em seu reinado. Para isso ela usa a seguinte argumentação:

*Christophe!  
Je ne suis qu’une pauvre femme, moi  
j’ai été servente  
moi la reine, à l’Auberberge de la Couronne!  
Une couronne sur ma tête ne me fera pas devenir  
autre que la simple femme,  
la bonne négresse qui dit a son mari  
attention!  
[...]  
Christophe, ne demande pas trop aux hommes et à toi même,  
pas trop! (P. 58)*

Diante das palavras de Mme. Christophe, observamos que ela não se sentia rainha, sua concepção estava em ligada com a ancestralidade. Na sua concepção, ser rainha não apagava as lembranças das origens de ex-escrava e as evidências não lhe permitia aceitar outra identidade. Assim, nota-se que a rainha, nessa extensão afirmativa, representava também o povo escravo.

Mas o rei, impulsionado pelos seus ideais, não lhe dá ouvidos, e mesmo assim, decide construir uma cidadela, em contrapartida discursiva:

*“Imaginez, sur cette peu commune plate-forme, tournée vers le nord magnétique[...] une cidadelle! Pas un palais. Pas un château fort pour protéger mon bien-tenant. Je dis la Cidadelle, la liberté de tou un peuple”.* (p.63)

Diante do exposto, nota-se que para Christophe, não era mais necessário um palácio, mas sim um castelo, ou seja, a edificação da nação não significava rebuscar as origens e as tradições africanas, pelo contrário, era necessário civilizar o que significava, segundo Césaire (1978), adotar a cultura europeia.

A cena termina com a visão da cidadela imaginada pelo personagem, nesse momento, há uma associação de símbolo proposto pelo autor em que o personagem deixa de ter uma atitude de orgulho para tornar-se uma atitude que causa vergonha tanto para o reino como para o povo.

Com esse relato, pode-se observar que Césaire usa o teatro como forma de instrumento para retratar a política e explícita na obra, com o intuito de mostrar como se deu a mudança do destino da história de um país influenciado pela colonização. Aime Césaire, na escrita de seu ensaio, “Discurso sobre o colonialismo”, ressalta ainda que está empenhado, por meio da sua escrita, a impedir o funcionamento da “máquina do esquecimento”:

“Não vamos nos desfazer tão facilmente dessas cabeças de homens, dessas colheitas de orelhas, dessas casas queimadas, dessas invasões godas, desse sangue fumegante, dessas cidades que evaporam ao fio da espada.” (Césaire, 1978 p.33). Pois, a lembrança é a maneira de não se contentar com o que aconteceu no passado e lutar por um ideal melhor.

### **5.3. Ato II**

No início do segundo ato o autor enuncia: *“l’espoir et le désespoir, [...] la violence et la tendresse d’un peuple”*.p.65. Com essa denúncia Césaire busca mostrar o lento declínio do rei, o que exigirá novos sacrifícios para a triste realidade do povo haitiano. O rei entra no esquecimento em que o autor, copiosamente, nos relembra anteriormente no fim do primeiro ato e, partir daí tomou atitudes que arruinou seu reinado. Segundo Scamaral (2006), Césaire não constituía uma postura de enfrentamento, mas sua atitude era embasada em uma forte postura política de tomada de consciência. Baseado nesse princípio, ele clamava por uma lembrança consciente e resignada, no qual o homem pudesse estar em paz consigo mesmo sem culpa. No entanto, as atitudes do personagem foram contrárias, sem o uso da prudência, por essa

razão, o autor depreende a ideia de que esquecer a essência de suas próprias convicções leva qualquer poder ao abismo. Então, para melhor compreender o que levou Christophe a tragédia, Césaire deixa transparecer, em algumas cenas, as causas que foram o estopim do declínio do rei.

Desse modo, na primeira cena do ato II, há um diálogo entre dois agricultores, em momento de repouso, eles conversavam sobre as novas medidas políticas introduzidas por Christophe. De repente, o diálogo foi interrompido pela chegada dos “Royal-Dahomets”, que leram um novo regulamento do rei, no qual ele estabelece uma prática militar do trabalho, o decreto dizia assim:

*J'ordonne très positivement ce qui suit:*

*Article premier. – Tous les gérants, conducteurs et cultivateurs seront tenus de remplir avec exactitude, soumission et obéissance, leurs devoirs – comme le font les militaires.*

*Article 2. – Tous les gérants, conducteurs et cultivateurs qui ne rempliront pas avec assiduité les devoirs que leur impose la culture seront arrêtés et punis avec la même sévérité que les militaires qui s'écartent des leurs.*

*Article 3 – Chargeons les généraux et officiers supérieurs de surveiller l'exécution du présent règlement de laquelle je les rends personnellement responsable. J'aime à me persuader que leur dévouement à me seconder pour la prospérité publique ne sera pas momentané [...].*

*Signé: Christophe. (p.76)*

O decreto foi motivo de grande espanto para o país no momento, pois os cidadãos haitianos não esperavam atitudes duras como essas por parte do rei. Desde então, surge aí, a insegurança do povo e “o medo ganha corpo, aumentando o pavor inscrito na relação com esse outro”, explica Cabrera e Almeida (2004, p. 278). Este decreto também pode ser associado ao momento histórico ocorrido no Haiti quando a oposição, estimulada pela Revolução Cubana, intensificou a perseguição política. Assim, afirma Azevedo e Herbold (1986, p.64) que “esta mandou uma missão militar para assessorar o ditador e aumentar seu apoio econômico e político, já que ele conseguia manter firmemente sua base de poder.”

Em outra cena, duas mulheres discutiam, em um salão burguês, sobre a intolerância do rei quando ao não cumprimento do decreto.

*C'est l'histoire d'un pauvre homme. Il dormait, paraît-il, sous sa veranda, à une heure indue. Je veux dire `à une heure indue. Je veux dire à une heure nom prévue par le code Henry. Le roi l'aperçoit du haut de la Cidabelle, au bout de sa lorgnette. Mês aïeux! Quelle colère!*

*Il appelle un officier. Ils entrent dans la galerie aux canons. Vous devinez la suite! (p.78)*

Essa cena de execução desse cidadão vem ao encontro do que discute Césaire no livro *Discurso sobre o colonialismo*, sobre a impiedade burguesa ante as minorias marginalizadas. Desse modo, ele utiliza a seguinte argumentação dizendo que:

A burguesia, como classe, está condenada, quer se queira quer não, a ser responsável por toda barbárie da História, as torturas da Idade Média e a Inquisição, a razão de Estado e o belicismo, o racismo e o escravagismo, em suma, tudo contra o que protestou em termos inolvidáveis, no tempo em que, classe ao ataque, encarnava o processo humano. (...) há uma lei da dehumanização progressiva em virtude da qual de futuro não haverá, não pode haver agora a violência, a corrupção e a barbárie na ordem do dia da burguesia. (Césaire, 1978, p.56).

Após a execução faz-se o seguinte comentário:

*“Il est passé du petit sommeil au grand sommeil sans s’en apervevoir” (p.79)*

A imagem representada na peça aproxima das experiências vividas pelo povo na escravidão, assim o autor mobiliza o leitor a verificar a malícia, de forma irônica, na atitude do personagem.

No decorrer das cenas fica visível como os abusos cometidos pelo personagem cooperam para o fim trágico do reino. Por exemplo, na cena três do segundo ato, o Rei Christophe impõe novas medidas para acelera a mobilização quanto à forma de trabalho. Para esse fim, decide que mulheres e crianças também trabalhem, de acordo com suas respectivas forças para avançar o trabalho que ele começou. Como relata o trecho seguinte:

*“Pour la Cidadele, il faut faire plus et plus vite. On devrait pouvoir tirer meilleur partir de toutes les forces du pays, je dis touts, des femmes comme des enfants.” (p.83)*

Daí, percebe que o personagem revela uma inquietação ritma em prol da construção da Cidadela fazendo que a ação do trabalho seja praticado desregradamente sem medir esforços ou melhores condições para os trabalhadores. Segundo a concepção de Almeida (1978, p.70) “o rei fala, se agita, ordena, empurra para o trabalho, envia à morte, despacha negócios e pessoas como um *robot* enlouquecido, e seu tique verbal passa a ser traduzido pelas expressões: “*de plus en plus vite*”, “*de plus en plus fort*”.”

Desse modo, ainda não satisfeito com os ritmos dos trabalhadores, Christophe usa de arrogância que, por sua vez, usando as próprias mãos, demonstra como o povo

deveria trabalhar: “*Tenez, je m'en vais vous montrer comment travaille un nègre consequente.*” (p.103). Assim, o rei torna os esforços para construção Cidadela em “*travaux pharaoniques*”. (p.102)

#### 5.4. Ato III

Segundo Almeida (1978) o ato III é predominantemente trágico. Pois, este é marcado por encenar a triste morte de Christopher. A cena inicial é no salão de festas do palácio, no festejo todos estão trajados a rigor:

*Regardez... regardez ... Quelle belle assemblée...  
Quelle belle assemblée! Rien ne me plaît tant que de voir tous ces  
nègres de chez nous avec des manteaux de soie et des forêts de plumes  
sur la têtes; bleues, rouges, blanches.* (P.115)

A entrada do casal real é pré-anunciada por “*pages africains, revêtus de leurs costumes tribaux*” e na festa o rei recebe um convite do arcebispo para a festa na catedral:

*Je me permets de rappeler à Votre Majesté que c'est dans quinze jours  
la fête de l'Assomption. Pius-je espérer, avec tout ela population du  
Cap, que Votre Majesté rehaussera de sa Royale présence notre  
cérémonie, une des plus importantes de l'Église romaine.* (p.124)

Durante a cerimônia, na igreja, da festa da Assunção, o rei não se sente bem e logo é socorrido: “*Chambre de la sacristie. Christophe étendu, les yeux clos. Le médecin et la suite de Christophe. On entend les débris d'un chœur lointain.*” (p.128) Com o passar do tempo não há melhora na saúde do rei e: “*sous la varanda. Christophe malade assis dans un fauteuil. A côte de lui des jumelles avec lesquelles il scrute de temps en temps l'horizon*”. (p.136)

Diante dessa situação, o rei entra em desilusão em razão dos seus sonhos a ponto de pré-anunciar a proximidade de sua morte: “[...] *il est temps pour le vieux roi d'aller dormir.*” (p.140) Em seguida, ouviu o som distante de um tambor anunciando o fim do reinado, nessa hora o rei entende que não há muito o que fazer. Nesta hora acontece uma inversão de valores, Christophe, ao invés de recorrer aos santos europeus, invoca aos deuses do vodu, da África, em busca de forças como ilustra o trecho abaixo:

Dieux d'Afrique  
Loas!  
Corde du sang sanglé

Père attacheur du sang  
 Abobo afrique mon lieu de forces  
 Abobo. (P.143)

O momento de doença e sofrimento do rei foi uma das características mais importantes que ocorreram na obra, segundo Scaramal, (2006, p.69) o momento apareceu como um “processo de desalienação, [...] uma tomada de consciência”. O autor mostra que o personagem entra em momentos de lucidez, e ao mesmo tempo retorna as alucinações. Na opinião de Cabrera e Almeida (2004, p. 256), o rei retoma a lembrança em favor de “construir um reconhecimento visando uma revolução dos símbolos, para resgatar o valor original do povo”. Então, o trecho mostra que, antes de morrer, Christophe invoca a África como reconhecesse as origens:

Afrique! Aide-moi à rentrer, porte-moi comme un vieil enfant dans tes bras et puis tu me dévêtiras, me leveras. Défait-moi de tous ces vêtements, défais-m'en comme, l'aube venue, on se défait des rêves de la nuit...De mes nobles, de ma noblesse, de mon sceptre, de ma couronne.  
 Et lave-moi! Oh, lave-moi de leur fard, de leurs baisers, de mon royaume! Le reste, j'y pourrai seul. (p.147)

Diante dessa evocação poética, nota-se que o autor busca a essência da ancestralidade, ou seja, nas palavras de Césaire (1978, p.42) o “despertar da África.” Em outro momento de devaneio, o rei “*prend dans sa main le petit revolver qui pred à son cou*” (p.147) e resolve cometer um suicídio. Assim, termina a tragédia do rei Christophe. Nesta cena a morte do personagem foi anunciada pelo deus da morte haitiana, “Baron-Samedi”, figura da religião vodu.

Césaire retrata a catástrofe do reinado sem perder a sutileza do modo poético de contar a história, atribuindo ao enredo à assimilação da cultura que antes fora esquecida, assim afirma Bernad (1988). Em consonância a essa referência perdida, vale ressaltar que no último instante, os personagens que acabaram prestigiando as últimas imagens do rei foram os personagens que na peça representavam as tradições africanas, pois eles sempre estavam presentes nos episódios em que os hinos e cantos sagrados do vodu eram entoados. Nesse montante de representação, o autor cita exatamente: Madame Christophe, os pajens africanos e Vastey, o secretário que o rei proclamou negro. Vejamos o trecho dessa nomeação:

“[...] *Donc, tu es nègre! Au nom du cataclysme, au nom de mon cœur qui me remonte la vie toute dans le hoquet du dégoût, je te baptise; te nomme; te sacre nègre ... Alors, petit nègre, te sens-tu le courage de marcher dans le sang [...]*” p.146

Na peça todos os momentos e a morte do personagem vêm acompanhados da musicalidade poética do “despertar de uma consciência de raça negra” Bernd (1988, p.30) sem perder o sentido trágico. Dentro desse contexto, Williams (2002) ainda afirma que:

“a tragédia deve cumprir, segundo Aristóteles, três condições para ser autêntica: possuir personagens de elevada condição, por exemplo, heróis, reis, deuses, ser contada em linguagem elevada e digna e ter um final triste, com a destruição ou loucura de um ou vários personagens sacrificados por seu orgulho ao tentar se rebelar contra as forças do destino.” (WILLIAMS, 2002, p.95)

Assim, Césaire cumpre essa visão na obra *La tragédie du Roi Christophe* quando retrata o declínio de um poder negro em combate aos males inesperados para o país como: injustiças, exploração, perda de identidade e alienação. Césaire, com excelência, cumpre na obra a autenticidade da tragédia, na figura do personagem de Christophe.

O tema da peça buscava denunciar os problemas e os sofrimentos da comunidade negra marcada pela vivência do colonialismo. Nesse sentido, Williams (2002, p.67) deixa claro que a interpretação da “tragédia é vista como uma ação na qual o herói é destruído”. Na peça o herói foi destruído pela frustração dos seus próprios ideais, não tendo forças e nem sabedoria para governar o seu povo. Diante desse fato, todos acabaram no sofrimento. Quanto a isso, Williams (2002) ainda vai além, confirmando que “o sofrimento se intensifica até o nível que pode ser o mais prontamente reconhecido como tragédia” Em outras palavras, pode-se verificar o quanto Césaire soube revelar, por meio do drama, o legado da dor causada pela influência da colonização naquele país.

## 6. CONCLUSÃO

A obra teatral de Césaire vem acompanhada de problemas ligados ao sistema colonial, e em sua escrita, o autor não deixou de mostrar o encorajamento do povo negro em busca de um ideal melhor. Assim, com essa atitude, foi que Césaire escreveu a história do rei Christophe, que teve um final trágico, o personagem proclamou a tirania, morrendo sem realizar seus ideais. Com esse relato, pode-se observar que o autor usa o

teatro como forma de instrumento para retratar a política e explicita como se deu a mudança do destino da história de um país influenciado pela colonização.

A peça está inteiramente ligada ao processo de vida do autor porque a luta foi tanto por conta de sua condição na sociedade, como também em favor do povo oprimido. Nesse sentido, mostra-se o engajamento de Césaire em retratar a real situação do negro no sentido de encorajar, esse público a ter orgulho dos seus valores pessoais e culturais. Desse modo, fez necessário, na peça, apresentar o descaso social que cruelmente foi oferecido a esse povo, para se protestar maior dignidade e respeito as origens de cultura africana, e ao mesmo tempo resgatar, no oprimido, a satisfação de se orgulhar de sua própria identidade.

O autor demonstrou o seu pensamento político, a fim de produzir boa contextualização ideológica e política do momento histórico. Césaire trabalhou para que sua obra retratasse as mazelas da opressão sofrida pelo negro com o interesse de lutar e defender as origens de suas raízes africanas, ou seja, no campo ideológico construir a consciência de ser negro. Por conseguinte, os comentários das críticas e das análises sobre as suas peças de teatro que constituem o seu “teatro negro”, foram elaborados com intuito de denunciar os males causados pela colonização e despertar no povo dominado a vontade de resgatar os seus princípios. Os ideais, na obra foram alcançados, apesar de serem representadas por uma fatalidade trágica.

Toda trama foi formulada por meio das ações de Christophe que se apresentou como escravo, depois cozinheiro, e por fim torne-se ditador. Entretanto, essas construções foram, sem dúvida, um jogo do autor para o público verificar como o povo negro daquela região se assumia na sociedade. O objetivo maior dessa proposta foi de fazer com que o negro aceitasse sua negritude, tanto na visão histórica como na social. Se por um lado, o papel do personagem teve que extravar nos fatos, imitar os elementos europeus, ou seja, provou os estilos próprios do colonizador. No fim, o destino do rei experimentou uma retomada de valores, pois os personagens e os acontecimentos na trama passaram a assumir as condições próprias das origens africanas reconhecendo, assim, a cultura esquecida.

As ambiguidades e os conflitos que Christophe vive na obra, explica-se pela necessidade em mostrar a dificuldade que o rei teve para governar, pois a intenção era civilizar o povo. Césaire quis mostrar que a tragédia do personagem esteve no fato do

rei não conseguiu realizar essa mudança na mentalidade do país. O ideal do povo negro naquele momento era de experimentar a liberdade, não mais a escravidão, era poder cultivar o vodu e não mais viver o cristianismo. Nesse ponto que Christophe experimentou o fracasso porque o povo não tinha o seu mesmo ideal. Nesse sentido, a intenção do rei foi trágica e não conseguiu mudar o curso da história, mas serviu de exemplo incentivando a população africana de buscar suas origens e sentirem vontade de serem autênticos em relação a sua identidade pessoal e cultural.

Enfim, a função representada pelo "teatro negro" de Aimé Césaire nos contextos artístico, cultural, literário e político do século XX trouxe a reflexão crítica sobre os prejuízos causados ao povo negro no período colonial. Nesse sentido, fica a dica de luta do autor, de não reviver o passado de repressão, e sim dar dignidade a um povo sofrido de viver e deixa-se reconhecer pelas suas raízes históricas rebuscando a dignidade roubada. Desse modo, o negro possa resgatar o orgulho de ser socialmente pertencente a um povo de riquezas culturais também importantes que, com o tempo, foi apagada pela ignorância do período colonial e como meio de restituição universal, pelo menos, o povo negro possa obter da o respeito de toda a humanidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Lílian Pestre de. **O teatro negro de Aimé Césaire**. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 1978.
- AZEVEDO, Elizabeth R. e HERBOLD, Hildegard. **Caribe: o paraíso submetido**. Coleção: Tudo é história. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- BERND, Zilá. **O que é Negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CABRERA, Olga e ALMEIDA, Jaime. **Caribe: Sintonias e Dissonâncias**. Goiânia: Centro de Estudos Caribe no Brasil, 2004.
- CÉSAIRE, Aimé. **La tragédie du roi Christophe**. Paris: Présence Africaine, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução Carlos S. Pereira. Lisboa: Poveira, 1971. (Cadernos para o diálogo, 2)
- COLLOQUE, sur le théâtre négro-africain. **Actes du colloque sur le le théâtre négro-africain**. 5ª ed. Paris, 1970.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: editora UFMG, 2001.
- GLISSANT, Edouard. **Les discours antillais**. Paris: Seuil, 1981.
- GOMES, Nilma Lino, DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Revista da Fundação Palmares em ação: Juventude práticas culturais e identidade negra**, 2002.
- HALL STUART. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritud: usos e sentidos**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1988.
- SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.
- SCAMARAL, Eliesse dos Santos Teixeira. **Haiti: fenomenologia de uma barbárie**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.
- WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. Tradução Betina Bischof. São Paulo. Cosac e Naify, 2002.